



PPGCCA
Programa de
Pós-graduação
em Gestão em
Ciências Contábeis
e Administração

ISSN: 1983-6635



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

ESTRESSE OCUPACIONAL EM PERÍODO PANDÊMICO E AS RELAÇÕES EXISTENTES COM OS ACIDENTES LABORAIS: ESTUDO DE CASO EM UMA INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA

OCCUPATIONAL STRESS DURING THE PANDEMIC AND THE RELATIONSHIP WITH OCCUPATIONAL ACCIDENTS: A CASE STUDY IN A FOOD INDUSTRY

LUCAS ALVES DE OLIVEIRA LIMA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Graduando em Administração e membro bolsista do Grupo de Educação Tutorial (PET)
Conexões de Saberes
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4591-7421>
E-mail: luksapp99@gmail.com

PAULO LOURENÇO DOMINGUES JÚNIOR

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Doutor em Sociologia
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4958-4989>
E-mail: pldominguesjr@uol.com.br

LAURA LIMA DA SILVA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Titulação: Graduanda em Administração
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1639-672X>
E-mail: lauralimads9@gmail.com

Submissão: 05/01/2023. Revisão: 18/12/2023. Aceite: 23/02/2024. Publicação: 11/04/2024.

Como citar: Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. *RGO - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

RESUMO

Objetivo: analisar as relações existentes entre o estresse ocupacional e os acidentes laborais no setor produtivo de uma indústria alimentícia do município de Três Rios/RJ, durante o panorama pandêmico.

Método/abordagem: a pesquisa caracterizou-se como do tipo exploratória de abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, foi realizado um estudo de caso em uma indústria alimentícia do município de Três Rios/RJ. A coleta de dados envolveu a aplicação de entrevistas semiestruturadas com quinze operários. Os dados foram analisados por meio do método da análise do discurso.

Principais Resultados: os principais fatores estressores foram atrelados aos aspectos organizacionais e interpessoais existentes na indústria. Como consequência, tais fatores estressores contribuíram para a geração de acidentes físicos no trabalho, onde verificou-se a

ocorrência de pequenos cortes e queimaduras sobre os operários, sobretudo entre os indivíduos mais velhos e com maior tempo de experiência no setor. Observou-se, nesse caso, que a pandemia de Covid-19 potencializou a recorrência de estresse e acidentes laborais, pois, devido ao afastamento dos infectados pelo novo coronavírus, iniciou-se uma sobrecarga de trabalho sobre os indivíduos que ficaram no setor para atender à demanda de produção.

Contribuições teóricas/práticas/sociais: este estudo contribui com a literatura ao fornecer subsídios teóricos sobre as relações existentes entre estresse ocupacional e acidentes no trabalho. Em termos gerenciais, o estudo propicia um diagnóstico dos riscos que afetam a integridade física e mental de operários, subsidiando assim os gestores na tomada de decisão em prol de melhorias no contexto laboral destes trabalhadores.

Originalidade/relevância: o estudo mostra-se relevante ao abordar, de forma associada, as relações existentes entre estresse ocupacional e acidentes no trabalho em um período recente e sem precedentes na história da humanidade, que é a pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Estresse ocupacional. Acidentes no trabalho. Operários.

ABSTRACT

Purpose: to analyze the correlations between occupational stress and occupational accidents in the production sector of a food industry in the city of Três Rios/RJ, during the pandemic outbreak.

Method/approach: the research was characterized as exploratory and followed a qualitative approach with the use of the case study technique. For data collection, semi-structured interviews were conducted with a sample consisting of fifteen workers, and the data was analyzed using the discourse analysis method.

Main findings: the main stressors were linked to organizational and interpersonal aspects existing in the industry. As a result, such stressors contributed to the generation of physical accidents at work, where there was the occurrence of minor cuts and burns on the workers, especially among older individuals and those with more experience in the industry. It was observed, in this case, that the Covid-19 pandemic potentiated the recurrence of stress and occupational accidents, because, due to the withdrawal of those infected by the new coronavirus, an overload of work began on the individuals who remained in the sector to meet the production demand.

Theoretical, practical/social contributions: this study contributes to the literature by providing theoretical subsidies about the existing correlations between occupational stress and accidents at work. In managerial terms, the study provides a diagnosis of the risks that affect the physical and mental integrity of the workers, thus subsidizing the managers in decision making for improvements in the labor context of these workers.

Originality/relevance: the study is relevant for addressing, in an associated way, the existing correlations between occupational stress and accidents at work in a recent and unprecedented period in human history, which is the COVID-19 pandemic.

Keywords: Occupational stress. Accidents at work. Workers.

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, ocorreram transformações socioeconômicas que repercutiram diretamente na forma pela qual o homem se relaciona com o trabalho. Desde então, intensificou-se a competitividade entre as empresas e, por causa disso, muitos gestores passaram a focar somente em produtividade, esquecendo-se assim dos impactos laborais sobre a vida das pessoas. Como consequência, os funcionários passaram a trabalhar em condições aceleradas e precárias mediante riscos fisiológicos e psicossociais, o que contribuiu para gerar, cada vez mais, recorrências de estresse ocupacional e acidentes no trabalho (Silva, 2015).

Conforme apontam Veiga, Xavier e Lenzi (2012), entre os diversos setores da economia brasileira, o setor industrial é o que mais gera acidentes no trabalho no país. Segundo os autores, os riscos no trabalho em fábricas possuem uma forte relação com as modalidades de gestão organizacional e os processos produtivos, haja vista que tal tipo de trabalho caracteriza-se pelo manuseio constante de maquinários, os quais são capazes de afetar a integridade dos trabalhadores. Além disso, as exigências do mercado alteram, geralmente, o ritmo de produção nas fábricas, ampliando assim a pressão sobre os operários e tornando propício o agravamento dos riscos ambientais e psicossociais.

Atualmente, os acidentes no trabalho são um dos maiores problemas de saúde pública global, sendo a sua redução um anseio de diversos agentes da sociedade, sobretudo dos governos, empresários e trabalhadores. No Brasil, foram registrados, segundo a Organização Internacional do Trabalho (2021), 21.467 casos de acidentes no trabalho fatais entre o período de 2012 a 2020, onde as taxas de mortalidade foram de 6 óbitos a cada 100 mil vínculos empregatícios formais. Nesse caso, com o surgimento da pandemia de Covid-19 em 2020, os acidentes de trabalho graves, notificados ao Ministério da Saúde, aumentaram em 40%, enquanto o total de auxílios-doença por depressão, estresse, ansiedade e outros transtornos psicológicos aumentaram 30%.

Nesse cenário, Nascimento e Neves (2020) destacam que a pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, teve um impacto significativo em diversos aspectos da sociedade, incluindo o mundo do trabalho. A chegada do panorama pandêmico em 2020 desencadeou uma série de mudanças na forma como as pessoas trabalham, interagem e vivem, o que contribuiu para afetar o bem-estar dos trabalhadores, sobretudo dos operários de indústrias.

Nas indústrias, a pandemia desencadeou uma série de desafios e mudanças sem precedentes, com repercussões que variaram de acordo com a natureza da atividade econômica e as medidas de contenção adotadas. Desta maneira, os acidentes físicos e psicológicos ganharam uma maior proporção, pois a pandemia potencializou a incidência de estresse, ansiedade e depressão no trabalho, o que contribuiu para afetar a saúde mental dos trabalhadores (Nascimento & Neves, 2020).

Conforme reitera Ferro (2019) os acidentes nas fábricas são, em sua totalidade, situações que resultam da combinação entre fatores técnicos, psicológicos e fisiológicos, sendo que os mesmos possuem uma relação direta com as atividades, máquinas, condições ergonômicas do trabalho e até com o próprio ambiente laboral. Nessa perspectiva, as condições e os atos inseguros constituem-se como elementos inerentes do trabalho no setor fabril, o que eleva os índices de adoecimento ocupacional e afastamento nas indústrias.

Assim, levando em consideração a magnitude dos riscos existentes nos processos produtivos fabris que ameaçam a saúde e a segurança dos operários, bem como a recorrência de estresse ocupacional no período pandêmico, a presente pesquisa buscou, como objetivo, analisar a associação entre estresse ocupacional e acidentes no trabalho entre os funcionários do setor de produção de uma indústria alimentícia situada no município de Três Rios/RJ.

Durante épocas de pandemia, os esforços da comunidade científica se concentram, sobretudo, na identificação dos mecanismos estruturais e fisiológicos dos agentes patológicos, negligenciando assim as implicações que tal evento pode ocasionar sobre as relações e formas de trabalho (Tucci et. al, 2017).

Desta forma, a justificativa para a realização desta pesquisa reside na possibilidade de fornecer subsídios teóricos e práticos acerca das relações existentes entre estresse ocupacional e acidentes no trabalho de operários em período pandêmico, auxiliando assim os gestores a promover ações para minimizar os efeitos laborais sobre a vida destes trabalhadores e, conseqüentemente, aumentar a produtividade individual, levando em consideração a obtenção de melhorias no desempenho da equipe e da organização.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Estresse ocupacional: contextualização e conceitos

O estresse é um termo multidimensional que detém a atenção da comunidade científica, sobretudo em relação à sua conceituação e intervenção. A expressão estresse originou-se do latim e, no século XIV, a referida palavra já era utilizada como sinônimo de tensão e adversidade, porém, a sua primeira aplicação no ramo da saúde foi somente no início do século XVII (Martins, 2007).

Tempo depois, no final do século XVIII, Hocke utilizou tal termo para se referir à tensão interna do corpo humano mediante uma ameaça externa e, desde então, as conceituações de estresse vem passando por inúmeras configurações consoante os modelos teóricos propostos (Martins, 2007). Para Lipp (1984, p. 6), entende-se estresse como "uma reação psicológica, com componentes emocionais, físicos, mentais e químicos, para certos estímulos que irritam, assustam, excitam e /ou confundem a pessoa".

O conceito de estresse foi introduzido no âmbito científico através dos estudos de Cannon (1929), onde foi constatado que o estresse afeta a homeostase e, conseqüentemente, provoca uma tensão prejudicial ao equilíbrio do organismo humano com a liberação de substâncias suprarrenais, as quais foram, posteriormente, caracterizadas como catecolaminas.

Posteriormente, Selye (1936), o pai da investigação experimental sobre o estresse, descobriu que o estresse dá origem à Síndrome de Adaptação Geral (*General Adaptation Syndrome – GAS*), síndrome esta que, por sua vez, envolve uma reação de alarme do corpo humano devido a fatores nocivos. Como consequência, esta síndrome ocasiona a degeneração de estruturas linfáticas, ulceração do trato gastrointestinal e o aumento da atividade do córtex suprarrenal. No caso do estresse ocupacional, o mesmo pode ser entendido como o estado emocional aversivo que as pessoas enfrentam no ambiente de trabalho, o qual caracteriza-se por períodos de tensão, ansiedade, frustração e irritabilidade (Kyriacou, 2001).

Ao longo das últimas décadas, consoante o avanço tecnológico e as mudanças na forma de trabalho, o estresse ocupacional passou a ser alvo de estudos de diversos autores, não só a nível individual, mas sobretudo a nível organizacional. Isso deve-se ao fato de que tal

enfermidade pode ocasionar consequências pessoais e empresariais, tanto em nível intelectual, quanto nas relações sociais (Nascimento & Silva, 2019).

Segundo Guimarães (2000), o estresse ocupacional ocorre quando o trabalhador se torna incapaz de realizar as tarefas, o que provoca uma sensação de mal-estar e sofrimento. Nesse sentido, o estresse no trabalho envolve as condições do contexto organizacional com as características dos profissionais, onde os mesmos não conseguem lidar com as exigências laborais impostas. Por causa destes fatores, inúmeras abordagens sobre o estresse ocupacional passaram a enfatizar elementos como saúde física/mental, satisfação, produtividade, motivação e absenteísmo.

O estresse, seja ele oriundo do trabalho, ou não, possui, segundo Selye (1936), três fases: fase de alarme, fase de alerta e a fase de exaustão. A fase de alarme inicia-se após a exposição ao fator estressor, onde os processos homeostáticos são inibidos e, conseqüentemente, ocasionam alterações neuroquímicas e fisiológicas no corpo da pessoa.

Com isso, o organismo libera corticosteroides e adrenalina para tentar combater tais alterações, gerando assim uma posição de alerta para manter o equilíbrio do corpo. Nesta fase, caso a pessoa saiba administrar o fator do desequilíbrio corporal, é possível utilizar o estresse como em prol da motivação. Em caso contrário, há a ocorrência de sintomas como aumento da respiração, dilatação de brônquios e pupila, tensão nos músculos e transpiração (Selye, 1936).

A segunda fase, ora denominada de resistência, ocorre quando o fator de estresse se torna constante sobre o indivíduo. Assim, o organismo adapta-se aos efeitos estressores e mantém ativas as alterações neuroquímicas e fisiológicas, embora em menor índice se comparado à primeira fase (Selye, 1936).

Além disso, há, na segunda fase, o aumento das atividades oriundas da hipófise-suprarrenal, o que torna a pessoa mais vulnerável a outros agentes causadores de estresse. Dessa forma, a energia é utilizada para a adaptação à situação nociva e, se houver uma reserva energética, o indivíduo supera o estresse. Por outro lado, caso não haja tal reserva, o organismo enfraquece e torna propício o surgimento de enfermidades como psoríase, herpes simples e hipertensão (Selye, 1936).

Após a fase de adaptação, ocorre a fase de exaustão, a qual é caracterizada pela perda dos recursos adaptativos devido à exigência prolongada do meio. A partir disso, há um esgotamento por parte do indivíduo, o que favorece a exaustão física e mental. Inclusive, em casos mais severos, pode-se ocasionar alterações patológicas do sistema imunitário e gastrointestinal (Selye, 1936).

Para Cunha et al. (2007), o estresse no âmbito do trabalho origina-se de duas grandes causas: organizacionais e interorganizacionais. As causas organizacionais são oriundas dos aspectos nocivos do trabalho e envolvem as atribuições dos trabalhadores, as características das atividades, o tipo de liderança, as relações de trabalho, a estrutura física e o clima organizacional da empresa.

Por outro lado, as causas interorganizacionais estão atreladas às ocorrências da vida particular de cada indivíduo, afinal, os problemas extra laborais não ficam de fora da organização, haja vista que as pessoas passam grande parte de suas vidas no trabalho (Cunha et al., 2007).

Nessa perspectiva, McGrath (1970) reitera que o estresse ocupacional se origina, em suma, de seis fatores, que são: estresse derivado da tarefa, estresse baseado no papel, estresse oriundo do comportamento intrínseco da pessoa, estresse do ambiente físico de trabalho, estresse atrelado ao ambiente social e, por fim, o estresse pessoal.

Os fatores estressores podem, segundo Cunha et al. (2007), ocasionar implicações fisiológicas, comportamentais e psicológicas sobre os indivíduos. Os resultados fisiológicos advêm de situações ameaçadoras no trabalho, sendo mediada pelos hormônios do estresse (corticoesterona e a epinefrina) e que, conseqüentemente, podem gerar fadiga, cefaleias, dor no abdômen, perda de sono, dor muscular, taquicardia, dentre outros.

Já os resultados psicológicos, por sua vez, originam-se da reação emocional negativa que ocorre devido à constância de situações nocivas no âmbito laboral, o que contribui para gerar problemas como Burnout, depressão, ansiedade, dentre outros. Por fim, os resultados comportamentais estão atrelados à degradação do papel funcional do trabalhador e envolve, dessa forma, um baixo desempenho, aumento de acidentes dentro das empresas, propensão ao erro, consumo de drogas, alcoolismo e, inclusive, comportamentos agressivos, tais como vandalismo, absentismo e greves (Cunha et al., 2007).

Ainda de acordo com Macedo et al. (2019), ocorrem também, além das implicações individuais, impactos em torno das organizações, dado que o trabalho é composto por pessoas e, caso existam indivíduos com estresse, o ambiente corporativo também é afetado, sobretudo no que diz respeito ao aumento de custos. Nos custos diretos, há um aumento dos custos devido a aspectos como: alta rotatividade dos trabalhadores, absentismo, baixa performance, erros no processo produtivo e aumento do número de acidentes.

2.2 Estresse ocupacional e as relações com os acidentes no trabalho

Segundo Levi (1988), o estresse ocupacional é um dos fatores que podem contribuir para a ocorrência de acidentes no trabalho. Para o autor, tal correção origina-se quando há uma alta demanda psicológica e/ou um baixo controle sobre o processo de trabalho. A partir disso, há a geração de estresse e os trabalhadores passam a ter reações individuais no organismo, as quais geram mecanismos patogênicos cognitivos (diminuição da concentração e criatividade), afetivos (ansiedade, fadiga e depressão), condutas (álcool e drogas) e fisiológicas (reações neuroendócrinas e imunológicas).

Nessa perspectiva, os mecanismos patogênicos podem provocar, em certas condições de intensidade, frequência ou duração, o surgimento de precursores de enfermidades, precursores estes que, por sua vez, contribuem para o surgimento de doenças psicossomáticas e para a ocorrência de acidentes no trabalho (Levi, 1988).

Dessa forma, o estresse ocupacional pode ser visto como um precursor de doenças, contribuindo assim para a etiologia de acidentes no trabalho, pois, quando há altos níveis de estresse no âmbito laboral, os indivíduos sentem-se insatisfeitos com o trabalho e diminuem o bem-estar, o que afeta a performance organizacional e, ao mesmo tempo, torna os trabalhadores mais suscetíveis a cometerem falhas nas organizações (Gomes & Puente-Palacios, 2018).

Conseqüentemente, os acidentes no trabalho podem gerar lesões corporais ou perturbações funcionais sobre os trabalhadores, resultando assim em perdas, mortes ou reduções da capacidade de execução das tarefas organizacionais, podendo as mesmas ser permanentes ou temporárias (Levi, 1988).

Os acidentes no trabalho caracterizam-se por todo tipo de acidente que ocorre no exercício das atividades laborais ou no percurso da casa para o trabalho, podendo ser oriundas por causa de atos ou condições inseguras. No caso específico do setor fabril, os acidentes laborais originam-se de diversos fatores, tais como: riscos biológicos, ergonômicos, de queimaduras, de choques, de cortes, incêndios etc. (Aerosa & Sznelwar, 2019).

Conforme aponta Ferro (2019), os elevados números de acidentes nas fábricas alimentícias estão atrelados à intensificação do trabalho em tal setor ao longo das últimas décadas, a qual foi ocasionada, sobretudo, pela necessidade de acompanhar a ascensão de vendas em âmbito nacional e em outros países. Nesse viés, o bom desempenho do setor gera, em muitas das vezes, uma alta cobrança por produtividade sobre os operários e, com isso, gerar efeitos nocivos sobre os mesmos, tornando-os mais suscetíveis a cometer falhas e a adquirir estresse por conta da sobrecarga laboral.

Logo, torna-se necessário o investimento em segurança no trabalho, de modo a obter um conjunto de medidas para prevenir e evitar os acidentes no setor fabril. Para a implementação de um plano de segurança de trabalho efetivo, é necessário, primeiramente, conhecer os riscos do trabalho, bem como os riscos das funções dos cargos (Gomes & Puentes-Palacios, 2018). Com isso, pode-se fazer adequações para a realização de treinamentos e ações assertivas, resultando assim em benefícios tanto para os empregadores, quanto para os empregados, haja vista que as pessoas que possuem saúde física e mental tendem a ser mais produtivas (Machado, 2015).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracterizou-se como descritiva e exploratória de abordagem qualitativa, a qual preza, segundo Minayo (2001, p. 21), por “um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” dos indivíduos. Tal abordagem permite compreender um dado fenômeno, onde o pesquisador vai a campo para fazer uma análise em uma perspectiva integrada das pessoas envolvidas, considerando todos os pontos de vistas e coletando dados para entender a dinâmica do fenômeno em estudo.

No caso desta pesquisa, optou-se em analisar as percepções de 15 trabalhadores do setor de produção de uma indústria alimentícia brasileira situada no município de Três Rios/RJ. Os indivíduos foram selecionados por conveniência, que é uma forma de seleção que leva em consideração a disponibilidade das pessoas em estudo (Malhotra, 2011).

Para a coleta de dados, foi realizado um estudo de caso através de um trabalho em campo. Destarte, foi necessário buscar as informações diretamente com a população estudada, exigindo assim um encontro direto com os entrevistados no ambiente em que os fenômenos ocorrem. Como instrumento de pesquisa, utilizou-se uma entrevista semiestruturada, que se caracteriza, segundo Triviños (1987), por questionamentos básicos que são apoiados por teorias e hipóteses inerentes à temática da pesquisa. Assim, a entrevista foi realizada através de um roteiro com perguntas pré-definidas, as quais foram complementadas por outras questões que foram se desenvolvendo ao decorrer das circunstâncias momentâneas da investigação.

O roteiro utilizado para a entrevista semiestruturada foi dividido em duas partes. A primeira parte do roteiro foi atrelada ao perfil dos trabalhadores. A segunda parte, por outro lado, abordou as percepções em torno da temática estresse ocupacional e acidente no trabalho. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2022 e, inicialmente, houve um pré-teste com quatro entrevistados para identificar possíveis erros no questionário e, por conseguinte, melhorá-lo.

Como consequência do pré-teste, duas perguntas foram alteradas devido à dificuldade de preenchimento por parte dos respondentes. Após a fase de ajustes, a pesquisa foi realizada com a amostra calculada e a nova coleta de dados foi concluída em um único dia.

Após a coleta de dados, ocorreu a análise dos dados. Para tanto, foi utilizada a técnica da análise do discurso, visto que o estudo priorizou as mensagens oriundas dos entrevistados.

Conforme aponta Llobart (1993), a análise de discurso possui seu fundamento na filosofia, sociologia, literatura e em pesquisas que evidenciam a importância dos significados e representações dos indivíduos, a fim de explicitar o sentido das palavras na posição sócio-histórica em que as mesmas são produzidas. Assim, os dados foram analisados através de um enfoque integrado dos fenômenos ocorridos mediante as seguintes etapas: seleção do texto, leitura das transcrições, codificação, análise dos dados e redação analítica do discurso.

Outrossim, ainda no que tange à análise, a abordagem qualitativa parte do princípio de que os atos humanos possuem sempre um significado, o qual pode ser subjetivo, cujo enfoque é a pessoa, ou intersubjetivo, onde prioriza-se as estruturas e os sistemas (Fraser & Gondim, 2004). Neste estudo, optou-se por uma análise subjetiva e intersubjetiva, haja vista que a compreensão acerca do estresse ocupacional engloba tanto os indivíduos, quanto às estruturas e processos existentes dentro da empresa.

3.1 Caracterização da fábrica em estudo

A presente pesquisa foi realizada no setor de produção de uma fábrica de alimentos brasileira que é reconhecida em âmbito nacional pelo portfólio e vendas de produtos, com destaque para a linha de atomatados, azeitonas e vegetais. A fábrica funciona há duas décadas, sendo que, inicialmente, atuava como importadora de commodities na área alimentícia. Com o passar dos anos, viu-se a necessidade de ampliar a atuação no mercado para atingir mais clientes e, a partir disso, a empresa, que até então era somente importadora, passou a atuar no setor fabril. Atualmente, a referida indústria é líder em vendas no Estado do Rio de Janeiro e possui filiais de distribuição no Estado de São Paulo, na cidade de Guarulhos, em Santa Catarina, na cidade de Itajaí, e em Goiás, na cidade de Cristalina, atendendo, portanto, clientes em todo território nacional.

O principal polo industrial da fábrica em estudo encontra-se situado no município de Três Rios. O município de Três Rios está localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, na região Sul Fluminense. A cidade de Três Rios faz parte do eixo industrial das cidades próximas à BR-040 e à BR-393 e localiza-se em uma posição estratégica entre as três maiores capitais do país: Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo os dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), a cidade possui, aproximadamente, 82.142 habitantes, sendo que ocupa uma área estimada em 322.843 km², estando a cerca de 125km da capital do Estado.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Perante a realização desta pesquisa, constatou-se que, dentre os 15 indivíduos da amostra, doze eram homens e três eram mulheres, ou seja, evidencia-se uma maior força de trabalho masculina no setor de produção, o que demonstra uma desigualdade de gênero na ocupação de cargos na fábrica em estudo.

No que concerne à idade, as faixas etárias variaram dos 19 aos 47 anos e, quando indagados sobre o estado civil, sete indivíduos relataram que estavam casados, cinco disseram que estavam solteiros, dois estavam divorciados e um destacou que era viúvo. Por fim, no que diz respeito ao cargo, a amostra foi composta por nove operários de produção, quatro auxiliares de produção, uma líder de produção e um gerente de produção.

Diante da identificação do perfil dos entrevistados, iniciou-se a investigação concernente à temática abordada neste estudo, evidenciando assim as relações existentes entre o estresse ocupacional e os acidentes no trabalho. Inicialmente, foi indagado se os

funcionários já adquiriram estresse no trabalho e, como resposta, observou-se que a maioria, em um total de treze funcionários, relatou que sim.

Nesse caso, todos os respondentes que adquiriram estresse possuíam acima de 29 anos e estavam, no mínimo, há 3 anos no setor de produção. Já os entrevistados que não adquiriram estresse possuíam entre 19 e 22 anos e ingressaram no setor há menos de um ano. Tais resultados evidenciam que as pessoas mais velhas e experientes estão mais suscetíveis a adquirirem o estresse, corroborando assim que o desgaste psicológico tende a se agravar com o passar dos anos.

Posteriormente, buscou-se identificar os principais fatores que ocasionam estresse ocupacional entre os trabalhadores do setor de produção na fábrica. Com base nisso, nove indivíduos citaram fatores associados a problemas organizacionais. Os demais indivíduos, em um total de quatro funcionários, relataram ser fatores atrelados a problemas interpessoais. Observou-se, nesse caso, que os fatores estressores são originados por elementos oriundos das circunstâncias laborais existentes na fábrica, não envolvendo, portanto, fatores interorganizacionais.

Em relação aos elementos organizacionais, foram citados fatores atrelados à cobrança por resultados, rotina monótona e alta jornada de trabalho. Como o setor de produção é a área Core da fábrica, os trabalhadores são cobrados exacerbadamente por resultados, pois, se houver qualquer falha durante a rotina laboral, todo o processo produtivo é afetado, o que inibe o principal propósito da organização, que é a fabricação de alimentos.

Por causa disso, os respondentes acabam possuindo uma rotina de trabalho monótona mediante a execução de atividades repetitivas por um longo período de tempo. Nessa perspectiva, foi possível constatar que o trabalho dos operadores da fábrica segue um padrão taylorista de produção, cujo principal objetivo é otimizar o processo produtivo mediante uma padronização do trabalho e um controle sobre a linha de produção. As falas transcritas abaixo evidenciam os relatos de alguns dos entrevistados.

O que me causa estresse no trabalho é a alta jornada de trabalho. Como sou o responsável pela manutenção das máquinas da fábrica, constantemente dá algum problema e eu tenho que vim. Não tenho um horário de trabalho. Às vezes deixo de estar com a minha família nos dias de domingo para vir resolver os problemas (E8).

O principal fator que me causa estresse é a alta cobrança da gerência. Eles têm que entender que somos pessoas trabalhando, e não máquinas. A cobrança faz parte de qualquer trabalho, mas quando ela é excessiva, acaba desanimando e causando estresse, que é o que ocorre aqui constantemente comigo (E14).

Quanto aos elementos interpessoais, os trabalhadores citaram, em suma, dois fatores: falta de comunicação e dificuldades de relacionamento. Nesse viés, verificou-se que os problemas de comunicação se apresentam como elementos nocivos tanto a nível individual, quanto a nível organizacional, haja vista que ocorrem, constantemente, interrupções na produção por causa das falhas comunicativas entre os colaboradores e entre os outros setores.

Conforme relatou o respondente E11, “uma vez, a bobina entupiu devido à falha de comunicação que ocorreu com o setor de PCP. Eu passei a informação, mas eles não repassaram para os operários. Essas coisas me ocasionam muito estresse, pois eu acabo sendo responsabilizado pelos problemas.”

Os entrevistados destacaram que as dificuldades no relacionamento com as pessoas na fábrica originam-se por causa de fofocas, grosserias e falsas acusações. Os referidos

problemas de relacionamento são oriundos de conflitos interpessoais, pois acontecem devido às diferenças dos perfis comportamentais dos indivíduos.

Assim, são conflitos caracterizados pela divergência de ideias entre os funcionários, haja vista que as pessoas possuem personalidades distintas que, conseqüentemente, resultam em escolhas e posicionamentos divergentes. Além dos conflitos interpessoais, ocorrem também conflitos intergrupais, pois existem discordâncias ou inconsistências com pessoas de outros setores da fábrica. As subseqüentes falas evidenciam alguns relatos dos funcionários.

O que me estressa é as pessoas dos outros setores tentarem sempre jogar a culpa dos problemas em nós, funcionários da produção. Nós nem sempre temos culpa dos problemas. Geralmente, a culpa vem de outro setor e nós do setor de produção somos responsabilizados por isso (E7).

As pessoas mal-educadas me dão estresse. Tem dia que eu respiro e sigo em frente, mas nem sempre vou conseguir. Viver em um ambiente com pessoas desrespeitosas afeta muito o meu humor (E1).

Dessa forma, os conflitos existentes na fábrica encontram-se em um estágio manifesto e atinge os colaboradores e a performance organizacional. O processo de interação humana está presente em todas as organizações e a forma pela qual os trabalhadores se relacionam é capaz de impactar, positivamente ou negativamente, a vida das pessoas e os resultados corporativos.

No caso desta pesquisa, constatou-se que o contato social propicia, sobretudo, impactos negativos aos funcionários e à organização, haja vista que há na indústria uma falta de comunicação e problemas no relacionamento entre os colaboradores. Tais circunstâncias podem vir a desfavorecer o clima organizacional da fábrica, gerando assim conflitos mais graves que são capazes de afetar diretamente o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores.

Após a identificação dos fatores estressores, os funcionários foram perguntados se o estresse já contribuiu, de alguma forma, para propiciar acidentes no trabalho e, como resposta, cinco indivíduos relataram que sim. Nesse sentido, os acidentes citados englobam pequenos cortes e queimaduras no corpo, atingindo, sobretudo, as pessoas mais velhas que estão na fábrica.

Os cortes e queimaduras ocorrem, geralmente, nas mãos e braços dos funcionários, pois os operários lidam manuseando as máquinas. De acordo com o entrevistado E8, “o estresse faz a gente ficar distraído e, com isso, esquecemos que estamos mexendo em máquinas. Às vezes, eu só vejo que me cortei quando eu chego em casa, pois na hora não sinto nada”. Já as queimaduras, por outro lado, ocorrem quando as máquinas espirram algum tipo de molho e/ou quando os trabalhadores colocam a mão em maquinários quentes por causa da distração oriunda do estresse.

Os resultados evidenciam uma relação na incidência dos acidentes com a idade dos funcionários, pois as pessoas mais velhas e com maior tempo de experiência são também as que mais possuem desgaste e estresse no setor produtivo. O estresse mostrou-se como um problema capaz de causar um desequilíbrio emocional sobre os respondentes, diminuindo assim a concentração dos mesmos e, conseqüentemente, tornando-os propícios a cometer falhas que repercutem diretamente na ocorrência de acidentes no trabalho.

Os cinco funcionários foram indagados, ainda, se a pandemia de Covid-19 contribuiu para agravar a recorrência dos acidentes laborais na fábrica. Diante disso, os respondentes

relataram que sim, pois, com o advento da pandemia, muitos trabalhadores acabaram pegando o vírus e, por causa disso, foram afastados.

Dessa forma, os operários que continuaram na indústria ficaram mais sobrecarregados, gerando então mais estresse e uma maior suscetibilidade de sofrer acidente no trabalho. Assim, constata-se que os entrevistados se tornaram mais vulneráveis ao adoecimento ocupacional após o panorama pandêmico, como pode ser evidenciado na fala do entrevistado E9 abaixo.

Com a pandemia, muitas pessoas foram afastadas. Por causa disso, eu acabei ficando sobrecarregado, já que eu tinha que trabalhar muito mais para suprir os que foram afastados. Antes da pandemia, eu já tive cortes, mas depois passou a ocorrer com mais frequência (E9).

Para amenizar o estresse e suas consequências, os entrevistados ressaltaram que buscaram adotar algumas estratégias de enfrentamento, tais como: ficar perto das pessoas que gostam, fazer orações, beber cerveja, fazer terapia e praticar atividades físicas. Nesse sentido, constatou-se que a prática de ingerir bebida alcoólica mostrou-se como uma dualidade sobre a vida de alguns trabalhadores, pois o alcoolismo é, conforme visto no eixo teórico, uma consequência comportamental nociva oriunda dos fatores estressores, e não propriamente uma estratégia de enfrentamento para sanar tal problema.

O alcoolismo apresenta elevados riscos agudos e crônicos à saúde e está associado a um maior risco de enfraquecimento do sistema imunológico, o que pode tornar os profissionais respondentes mais suscetíveis a contrair doenças infecciosas, incluindo a própria Covid-19. Logo, o estresse ocupacional e o alcoolismo são dois elementos que levam ao esgotamento de qualquer profissional, visto que o álcool não é uma solução para se libertar do estresse, mas sim um fator que irá propiciar ainda mais estresse a médio e longo prazo. Nesse viés, a reincidência do alcoolismo pode vir a ocasionar problemas sobre os indivíduos e sobre a empresa, gerando assim mais acidentes no trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, realizada no setor de produção de uma indústria alimentícia brasileira, foi possível constatar, pelos relatos dos funcionários, que os acidentes no trabalho possuem relações com o estresse ocupacional. Assim, verificou-se que os principais fatores estressores foram oriundos de problemas organizacionais e interpessoais existentes na fábrica, os quais contribuíram para gerar acidentes laborais, sobretudo entre os indivíduos mais velhos e com maior tempo de experiência de trabalho.

Nessa perspectiva, o estresse gerou uma falta de concentração sobre os trabalhadores e, com isso, os mesmos ficaram suscetíveis a cometer atos inseguros, gerando assim acidentes laborais leves, como pequenos cortes e queimaduras nas mãos e braços. Constatou-se, nesse caso, que o advento da pandemia de Covid-19 contribuiu para elevar a recorrência de estresse e acidentes, haja vista que diversas pessoas foram afastadas com a infecção do novo coronavírus e, com isso, os funcionários que não pegaram o vírus ficaram sobrecarregados para suprir a demanda produtiva.

Quanto aos mecanismos de defesa adotados pelos funcionários, observou-se uma situação paradoxal, pois o ato de beber cerveja, ora citado como uma estratégia de enfrentamento pelos indivíduos, acabou sendo, na prática, mais uma consequência provocada

por mecanismos patogênicos após o contato com os agentes estressores, sendo, portanto, um comportamento nocivo que provoca ainda mais danos à saúde a médio e longo prazo.

Dessa forma, torna-se necessário a adoção de estratégias preventivas no campo da segurança do trabalho na fábrica em estudo, estando as mesmas vinculadas a treinamentos adequados para melhorar as condições de trabalho dos funcionários. Para tanto, é importante propiciar a integração de comportamento seguro no sistema de gestão da segurança, a fim de analisar os comportamentos de riscos que existem na fábrica e, conseqüentemente, diminuí-los mediante ações efetivas que levem em consideração os riscos das atividades e funções inerentes aos cargos de cada operário.

Devido ao fato deste estudo ter sido realizado somente em uma organização, não é possível a generalização de seus resultados, mas sugere-se que sejam realizadas pesquisas em outras indústrias e/ou em empresas do município de Três Rios/RJ, a fim de contribuir para a validação, ou não, dos resultados aqui descritos, em relação à análise da relação existente entre o estresse ocupacional e os acidentes no trabalho.

REFERÊNCIAS

- Aerosa, J. & Sznelwar, L. (2019). Acidentes do trabalho: alguns contributos da ergonomia e das ciências do trabalho. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3. Região.*, Belo Horizonte, v. 65, n. 100, t. 1, p. 55-82, jul./dez. <http://as1.trt3.jus.br/bd-trt3/handle/11103/51326>
- Cannon, W. B. (1929). Organization for physiological homeostasis. *Physiological Reviews*, 9 (3): 399-431. <https://doi.org/10.1152/physrev.1929.9.3.399>
- Cunha, M. *et. al.* (2007). Manual de comportamento organizacional e gestão. 6.^a Edição, Lisboa: Editora RH.
- Ferro, D. M. (2019). Acidentalidade de trabalhadores da indústria de alimentos: ocorrência por ano e região [Tese para Especialização em Engenharia de Segurança no Trabalho, Universidade do Sul de Santa Catarina]. Repositório Universitário da Ânima (RUNA). <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3890>
- Fraser, M. T. D. & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Ribeirão Preto: Paidéia*, (28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>
- Gomes, T. D. S., & Puente-Palacios, K. E (2018). Estresse ocupacional, um fenômeno coletivo: Evidências em equipes de trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v. 18, n. 4, 18(4), 485-493. <https://doi.org/10.17652/rpot/2018.4.14415>
- Guimarães, L. M. (2020). *Série saúde mental e trabalho*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- IBGE. (2020). População no último censo. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/tres-rios/panorama>
- Kyriacou, C. (2001). Teacher Stress: Directions for future research. *Education Review*, 53(1), 27-35. <https://doi.org/10.1080/00131910120033628>



- Lipp, M. E. N. (1984). Stress e suas implicações. Campinas: Estudos de Psicologia, v.1, n.3 e 4, p. 5-19, ago/dez.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4765384&pid=S2236-6407201500010000800019&lng=pt
- Levi, L. (1988). Definiciones y aspectos teóricos de la salud en relación con el trabajo. In R. Kalimo, M. El-Batawi & C. L. Cooper, Los factores psicosociales en el trabajo y su relación con la salud (pp. 9-14). Ginebra: OMS.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2052026&pid=S1414-9893201000040000400018&lng=pt
- Llombart, M. (1993). Mujer, relaciones de género y discurso. Revista de Psicología Social, 8 (2), 201-215. <https://doi.org/10.1080/02134748.1993.10821680>
- Macedo, M. N. S. et al. (2019). Estresse e qualidade de vida no trabalho: uma revisão de literatura para intervenções atuais. ev. Ibirapuera, São Paulo, n. 17, p. 38-46, Jan/Jun.
<https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/176>
- Machado, D. B. (2015). Segurança do trabalho na construção civil: um estudo de caso [Tese de especialização em Segurança do Trabalho, Universidade Tecnológica Federal do Paraná]. Repositório da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/18098/3/CT_CEEEST_XXX_2015_10.pdf
- Malhotra, N. K. (2011). Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. 6° ed. São Paulo: Editora Bookman.
- Martins, M. G. T. (2007). Sintomas de estresse em professores brasileiros. Revista Lusófona de Educação, 10, 109-12.
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/637>
- McGrath, J. E (1970). A conceptual formulation for research on stress. In : J .E.McGrath (~d.) Social and Psychological factors in stress. Nova York, Holt, Rinehart and Winston.
<https://psycnet.apa.org/record/1971-06108-000>
- Minayo, M. S. C. (2001). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, G. & Silva (2019). (Re)Conhecendo o Estresse no Trabalho: uma Visão Crítica. Revista Interinstitucional de Psicologia, 12(1), v. 12, n. 1.
<http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120105>
- Nascimento, I. & Neves, O (2020).. Impactos da pandemia na indústria nacional e desafios para o setor. Revista Debate Econômico, v. 8, n. 2, jul-dez.
<https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1082>



Organização Internacional do Trabalho. (2021). Série SmartLab de Trabalho Decente: Gastos com doenças e acidentes do trabalho chegam a R\$ 100 bi desde 2012. https://www.ilo.org/brasil/brasil/noticias/WCMS_783190/lang--pt/index.htm

Selye, H. A. (1936). Syndrome Produced by Diverse Nocuous Agents. *Nature*, v. 138, n. 32. <https://doi.org/10.1038/138032a0>

Silva, A. B. R. B (2015). Acidentes, adoecimento e morte no trabalho como tema de estudo da História. Campina Grande: EDUEPB.

Triviños, A. N. S (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Tucci, V. *et. al.* (2017). The forgotten plague: psychiatric manifestations of ebola, zika, and emerging infectious diseases. Philadelphia: *J Glob Infect Dis.*, 9:151-6. https://doi.org/10.4103/jgid.jgid_66_17

Veiga, R. A. R. Xavier, E.A.; & Lenzi, F. C. (2012). Uma análise do processo produtivo e das condições ergonômicas do trabalho na Mefaro Indústria Metalmeccânica. *Rev Ciênc Exatas Technol.*, 7(7):97-106. <https://doi.org/10.17921/1890-1793.2012v7n7p97-106>